8 a 17 de Julho 99

Co-Lab Faladura

: I plano inclinado

Co-Lab • festival de música improvisada FalaDura • festival de palavras ditas

:1 Plano Inclinado

Quando por todo o lado, a expressão artística se distancia do homem, cada vez mais intermediada por um enredado mundo de tecnologia, justificações e modelos teóricos :1 Plano Inclinado propõe-se mostrar criador e criatura iluminados pelo momento.

Quando o mundo se torna virtual, o desejo um slogan berrado num outdoor, a vida cada vez mais vivida à sombra do ecrã :1 Plano Inclinado apela ao contacto directo, à participação desenfreada, à convivência directa com a invenção e a fantasia.

Quando pela cidade se repetem modelos experimentados e estafados, marcados pela falta de sede de mudança :1 Plano Inclinado convida à vertigem do novo, do faça você mesmo, aqui e agora.

E se se multiplicam os espaços que pretendem justificar as ideias que faltam para viver :1 Plano Inclinado é uma proposta de ideias que não precisa de erguer mais arquitectura, simplesmente de juntar as vontades do Co-Lab e do FalaDura, diferentes na forma, mas semelhantes na vontade.

Programação

co-lab

8

Telectu / Chris Cutler - **ANCA** – 21h30 – Co-Lab
Karen Finley - **Auditório Nacional Carlos Alberto** – 21h30 - FalaDura

9

John Rose - **Rivoli** - Pequeno Auditório - 21h30 – Co-Lab
Adolfo Luxúria Canibal - **Rivoli** - Café-Concerto - 24h00- FalaDura

10

Mapping - Workshop dirigido por John Rose - **ANCA** - manhã e tarde - Co-Lab
Rui Eduardo Paes - Conferência "A Música e o Prazer" - **ANCA** - 18h00 – Co-Lab
Nicole Blackman - ANCA - 21h30 – FalaDura
Nuno Rebelo/Marco Franco/Kato Hideki - Rivoli - Pequeno Auditório - 24h00 – Co-Lab

11

Mapping - Workshop dirigido por John Rose - **ANCA** - manhã e tarde - Co-Lab
Acidentes Polipoéticos - Rivoli - Pequeno Auditório - 19h00 - FalaDura
COPO - Café Aviz - 22h00 - FalaDura

12

Mapping - Workshop dirigido por John Rose - **ANCA** - manhã e tarde - Co- Lab

13

Mapping - Workshop dirigido por John Rose - **ANCA** - manhã e tarde - Co-Lab
Mapping - espectáculo com os participantes do wokshop - **ANCA** - 21h30 - CoLab
Ici Même - Hard Club - 23h00 - Co Lab

14

Nuyorican Poets Café - Café Ceuta - 20h00 - FalaDura
Jean Marc Montera / Michael Doneda / Günter Müller - ANCA - 22h00 – Co-Lab

15

Poets from Epibreren - ANCA - 21h30 - FalaDura
José Rodrigues / Jorge Valente - Rivoli - Café Concerto - 24h00 - Co-Lab

16

Michael Gira - ANCA - 21h30 - FalaDura
Albrecht Loops / John Marc Gowans - Rivoli - Café Concerto - 24h00 – Co-Lab

17

Carlos Zíngaro / Hans Reichel - ANCA - 21h30 - Co-Lab
Last Poets - Hard Club - 24h00 – FalaDura

co-lab

Co-Lab é um projecto aberto.
Tal como o nome indica tem como objectivo proporcionar experimentação, intercâmbio e colaborações entre músicos, organizações e estruturas artísticas de modo a criar uma rede de contactos eventualmente internacionais que aproxime o público das práticas contemporâneas de produção musical e performativa que escapam aos circuitos já estabelecidos, sejam eles da música, do teatro, da dança ou das artes plásticas.

A 1ª edição do Co-Lab, em que este teve o formato de Ciclo, foi integrada no âmbito do "Festival X" (co-produzido pelos grupos Olho e Visões Úteis) com o apoio da Culturporto/Rivoli Teatro Municipal e OFMUBI (Oficina Musical da Beira Interior).
Com o formato de ciclo e dimensão reduzida, ditada pelo orçamento e pelo desconhecimento da aceitação que poderia ter a única iniciativa deste género na região, foi também uma sondagem ao público. Felizmente o ciclo excedeu todas as expectativas, com o Café-Concerto do Rivoli repleto em todas as sessões.

Assim, partimos para 99 com o formato de festival internacional, que pretendemos realizar anualmente, motivados pela expansão e pelo interesse manifesto do público.
Nesta 2ª edição o Co-Lab expandiu-se, tanto a nível de organizações como a nível de participantes. Assumindo-se portanto como um projecto que, adquirindo este formato, pretende, no Porto, tornar-se numa estrutura divulgadora de outras formas de música e de miscigenação de artes.
Por fim a colaboração com o Faladura - festival de palavras ditas, implica a expansão temporal de forma a manter uma programação conjunta.

Face à pluralidade, seja ela formal ou de conteúdo, assumida pela prática artística deste final de século, o Co-Lab pode assumir-se como um interlocutor perante criadores que, pela sua polivalência e método, não se integram nos esquemas de programação cultural tradicionais.
O nosso objectivo ao estruturar o Co-Lab como festival anual com uma estrutura produtiva constante é a de podermos proporcionar uma janela de programação estável dirigida a estes mesmos criadores, especialmente no Porto, cidade culturalmente emergente em cujas possibilidades de crescimento acreditamos sinceramente.

No entanto não nos queremos fechar nesta cidade e, pela nossa política de colaboração e estabelecimento de rede, este festival irá ser extensível a Lisboa pela mão da Galeria Zé dos Bois.

Por último uma nota de agradecimento à Paula Magalhães, por acreditar e pela força.

COMISSÁRIOS / ORGANIZAÇÃO

ALBERTO LOPES
ALBRECHT LOOPS

Nasceu em 1967 na Figueira da Foz. Co-fundador dos grupos Gabardine 12 (87/90), Deadly Gas (89/93) e do projecto multimédia Art Ephémera (94/...). Constrói instrumentos alternativos, modifica os convencionais e trabalha com electrónicas.
Curso de Construção de Instrumentos Tradicionais Portugueses por Fernando Meireles (95/96).
Frequenta Workshops de Música Improvisada com Nuno Rebelo, Carlos Zíngaro, Peter Kowald e Gunter Muller e de Performance e Novas Tecnologias com Sarah Rubdidge e John Marc Gowans.
Compõe bandas sonoras para teatro e dança trabalhando com os encenadores Dato de Weerd, Paulo Lisboa, Nuno Cardoso, Paulo Castro, João Paulo Seara Cardoso, António Feio, José Wallenstein, Filipe Crawford.
Participação na compilação da DG/A.A.C. "Indiferença".
Participação na compilação da editora Ananana "Way Out - New Music from Portugal - Vol. 1"
Organização do Co - Lab, ciclo de música experimental/improvisada.

LUCINDA GOMES

Iniciou-se no teatro em 91 no CITAC (Círculo de Iniciação ao Teatro da Academia de Coimbra), onde trabalhou com os encenadores Dato de Weerd, Paulo Lisboa, Rui Pisco, Carlos Curto e António Carvalho.
Foi co-fundadora do acTus - encontros de Teatro Universitário, onde organizou e fez parte da equipa de produção nas duas primeiras edições, e do projecto multimédia Art'Ephémera.
É membro fundador da companhia Visões Úteis onde desempenhou funções como produtora executiva nos espectáculos "Porto Monocromático" (enc. Nuno Cardoso), "Gato e Rato" (Enc. João Paulo Seara Cardoso), "O Aleijadinho do Corvo" (António Feio), "Vozes na Lama" (Diogo Dória), "A Máquina" (enc. colectiva), "Casa de Mulheres" (Nuno Cardoso) e "O Subterrâneo" (Paulo Castro). Co-organizou o Co-Lab, Ciclo de Música Experimental/Improvisada, em 98. Actualmente é coordenadora do Sector de Produção do Auditório Nacional Carlos Alberto.

"Spoken word"- Termo empregue para designar a poesia lida em voz alta (a tradução livre para português é algo como "palavra falada"), agressivamente e com o tempo de comédia" segundo referenciava o New York Times em 1994. O renovado interesse pelo movimento Beat no inicio dos anos 90 mobilizou os jovens poetas a espoletar a sua acutilância verbal em cafés e teatros do mundo inteiro. Afinal, pioneiros como William S. Burroughs ou John Giorno nunca deixaram de estar mergulhados na cultura juvenil e acabam por estar eles mesmos na génese do "spoken words".
Entre os nomes grandes da "spoken word" estão Reg. E. Gaines e Maggie Estep, estrelas do programa "Fightin Wordz" produzido e apresentado pela MTV, que a partir de 1993 decidiu realizar vários especiais dedicados ao "spoken word" e uma digressão pela América. A partir daí foi o boom nos cd's do género, entre velhos e novos artistas, incluindo pessoas como o pioneiro Henry Rollins. Em 1994, Lollapalooza (festival de música e de outras artes performativas) passou da exibição de vídeos de "spoken word" para uma tenda especialmente dedicada ao género. A nomes que antecediam a a fama do género como Karen Finley ou Jello Biafra, vieram-se juntar novos como Nicole Blackman, Jim Carrol, Eric Bogosian, Bob Holman

Até aos dias de hoje multiplicaram-se as acções ligadas a esta arte interpretativa. Há festivais um pouco por todo o lado, organizações de culto que reúnem núcleos de artistas e diversas formas de intervenção, caso do Nuyorican Café ou da Kinitting Factory. Os espectáculos são cada vez mais ricos no seu cruzamento com as artes plásticas e com a música. Muitas editoras possuem nos seus catálogos um capítulo dedicado ao "spoken word" e tem procedido a edição tanto de novos artistas como de leituras de poesia de clássicos, casos de Geinsberg, Kerouak, Burroughs... De toda a agitação o grande beneficiado foi a poesia que acabou por encontrar uma forma de descer a rua e de multiplicar as suas formas de divulgação.

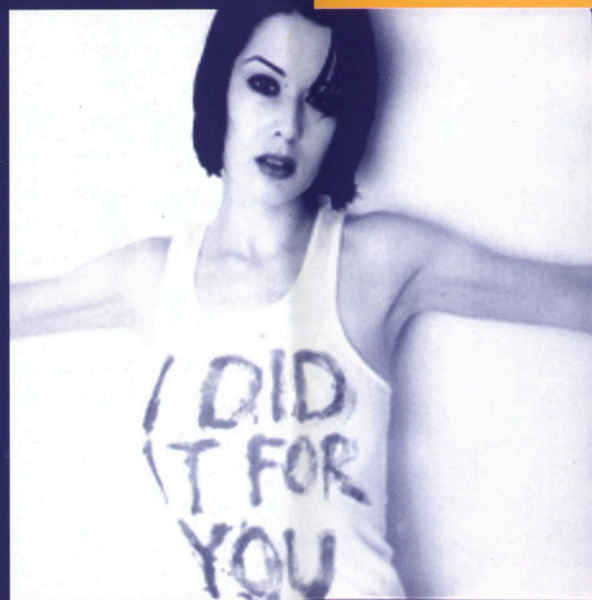
Não se deve confundir, apesar da proximidade óbvia, o "spoken word", com as sessões de declamação de poesia. É inerente ao conceito de "spoken word" o carácter socialmente empenhado da palavra, a crítica ácida dos costumes sociais e uma certa irreverência interpretativa. Os textos, normalmente curtos são na maior parte das vezes prosa embora a poesia não esteja totalmente arredada deste tipo de espectáculos. Pode-se mesmo dizer que em muitos deles verifica-se uma simbiose entre o relato dos contadores de histórias (story tellers) e a lírica das declamações de poesia.

A aposta na realização de um espectáculo musical durante este festival persegue este objectivo de diversidade de estratégias, tão próprio da "spoken word" - e afinal, os Last Poets, são de certa forma um espectáculo de spoken word. Além do mais são inúmeros os artistas que tem passado de um meio para o outro, Lydia Lunch, M. Doughty e os Soul Coughing, Henry Rollins, Lee Renaldo dos Sonic Youth, Nicole Blackman e os Golden Palominos, Michael Gira dos Swans...

Não pensamos que um festival deste género deva ficar confinado nos espaços exclusivamente dedicados às artes dramáticas sobre pecado de perdermos a sua essência. Devolver a palavra aos espaços onde ela por excelência preenche os vazios, caso dos cafés que resistem no centro do Porto, é um dos objectivos deste evento.

Carla Miranda nasceu em 1970. É fundadora e actriz da companhia de teatro As Boas Raparigas, responsável pela apresentação em Portugal de Peças como "Quatro horas em Chatila", de Jean Genet, "Possibilidades" de Howard Barker ou "Paraíso" de Alberto Moravia. É acessora pedagógica da Academia Contemporânea de Artes e do Espectáculo local onde obteve o Curso de Interpretação. Frequentou o Curso de Comunicação Social. Escreveu textos para um programa de televisão.

David Pontes nasceu em 1966. É neste momento um dos editores chefe do "O Comércio do Porto" de oito anos no jornal Público e de um ano como chefe de redacção da Edipress no Porto. No principio da sua carreira jornalística foi correspondente do Blitz e editou um fanzine, "O Cadáver Esquisito". Frequentou o Curso Superior de Comunicação Social. Paralelamente à actividade jornalística dedicou-se à musica como vocalista de uma banda de rock, foi realizador e director de programas da Radio Caos, foi sócio fundador de uma agência de publicidade.

ARTISTAS

Telectu / Chris Cutler

Dia 8 - Auditório Nacional Carlos Alberto – 21h30

Na sua busca de permanente renovação, os portugueses Telectu têm procurado a companhia de alguns músicos de renome internacional, como Jac Berrocal («À lagárdère»), Elliott Sharp («Evil Metal»), Tim Hodgkinson, Eddie Prévost, Louis Sclavis («Jazz-Off Multimedia»), Evan Parker e Daniel Kientzy, entre outros. O britânico Chris Cutler é, no entanto, um dos que mais vezes tem emparceirado com Jorge Lima Barreto e Vítor Rua.

Quando se fala do movimento «Rock in Opposition», nascido em solidariedade com os mineiros grevistas nos anos 70, é ele, antes de todos os demais, que está na berlinda. Afirmá-lo tão frontalmente nada tem de abusivo: de facto, Cutler foi o ideólogo de toda a frente de grupos conotados com o rock da velha Albion cujo inconformismo musical teve um equivalente no seu posicionamento político. Fundador de vários colectivos seminais, dos Henry Cow aos Cassiber, de onde saíram outras figuras de primeiro plano da presente música experimental, como Fred Frith e Heiner Goebbels, para só citar dois, ele não só é um baterista de méritos excepcionais, como um letrista de comprovados dotes (escreveu, por exemplo, para a peculiar voz de Dagmar Krause, talvez a melhor cantora que o rock jamais teve e uma das intérpretes mais inspiradas de Kurt Weill), um dos raros teóricos que a improvisação já teve e, como se não bastasse, um editor discográfico com um papel na divulgação das músicas alternativas de histórica importância.

Os Telectu pertencem à mesma família de músicos inquietos e passaram por uma evolução muito semelhante à de Chris Cutler, assimilando numa música outra, já sem rótulo possível, as influências do rock progressivo (Robert Fripp é declaradamente uma das grandes referências de Rua), do free jazz, a tipologia musical que mais marcou Barreto, não só como músico mas também enquanto musicólogo e crítico, e da chamada música contemporânea, do pós-serialismo à nova complexidade, passando pelo minimalismo, de que, aliás, foram os introdutores em Portugal. Munido de sintetizador, guitarras, fita, computador, rádio e piano, o duo toca uma música baseada na intrincação de texturas e no largo espectro tímbrico permitido pela electrónica. Uma estruturação de base não-desenvolvimentista serve-lhes de esteio para improvisações que evidenciam uma grande objectividade formal, nunca se tornando derivativas. Na amálgama de sons criados na vertical (e não horizontalmente, porque a música dos Telectu, de modo geral, não se dirige para lado algum), é muito raro que Chris Cutler intervenha na condição de ritmista, ao contrário do que se poderia julgar considerando as suas origens musicais. À marcação de pulsações rígidas ele prefere criar elaboradas paisagens percussivas que ora se confundem com as prestações individuais dos seus companheiros, ora vêm ao de cima para acentuar dramaticamente os acontecimentos, à medida que estes ocorrem. A particularidade das suas colaborações com o projecto português está na conciliação operada entre as coordenadas da improvisação e o ambientalismo tal como foi definido por Brian Eno. São pouquíssimos os casos, na verdade, em que se verifica tal sintonia de propósitos entre os dois tipos de abordagem, mas é neles que encontramos muita da melhor música do nosso tempo.

Karen Finley

Dia 8 - Auditório Nacional Carlos Alberto – 21h30

"Muitas pessoas sentem o mesmo que eu, mas eles guardam esses sentimentos porque é socialmente inaceitável chorar em público ou mostrar sentimentos. Se o fizesses, serias considerado vulnerável ou abandonado - talvez ninguém te amasse. Mas eu tenho a capacidade de revelar os meus sentimentos - portanto num certo sentido, fico zangada. A vingança pode ser uma arte."

O trabalho de Karen Finley é tem sido marcado por uma carreira artística controversa, o que não a impediu de exercitar os seus talentos em quase todos os meios artísticos, publicando diversos livros de prosa e poesia, expondo trabalhos de artes visuais, actuando em vários filmes e gravando álbuns de poesia.

Abordando temas que, na maior parte dos casos, são tidos como tabu para a sociedade, Karen Finley explora sobretudo a sexualidade, com o foco principal apontado para a opressão das mulheres.

Da versatilidade da sua carreira, fica a passagem por vários Festivais Europeus - nomeadamente uma apresentação controversa sobre o anti-semitismo alemão, no Festival do Teatro do Mundo em Colónia que foi filmada por Fassbinder -, a criação de diversos "happenings" performativos em bares e espaços artísticos da "Cena de East Village", uma digressão americana em 1985, com o monólogo "I'm na Ass Man", textos gravados com batida de música disco, quadros expostos em galerias de pintura, a criação de um canal televisivo por cabo, intitulado "The Bad Music Video Show",...

Incómoda mas com um talento amplamente reconhecido, os seus projectos têm recebido os mais diversos apoios. Em 1984, recebeu um subsídio do National Endownement for the Arts (NEA) - o correspondente em Portugal ao Ministério da Cultura - para continuar com a sua actividade. Em 1986, uma performance sua produzida pela The Kitchen, em Nova Iorque, foi galardoada com um Bessie Award e em 1988, um apoio de Art Matters e um subsídio da NYSCA permitiram-lhe criar o seu primeiro trabalho interdisciplinário, com um espectáculo que incorporava dança, teatro, comédia e realismo, intitulado "A sugestion of Madness". O Museu Guggenheim contemplou-a com uma bolsa em 1993, para que pudesse trabalhar na peça "The American Chestnut".

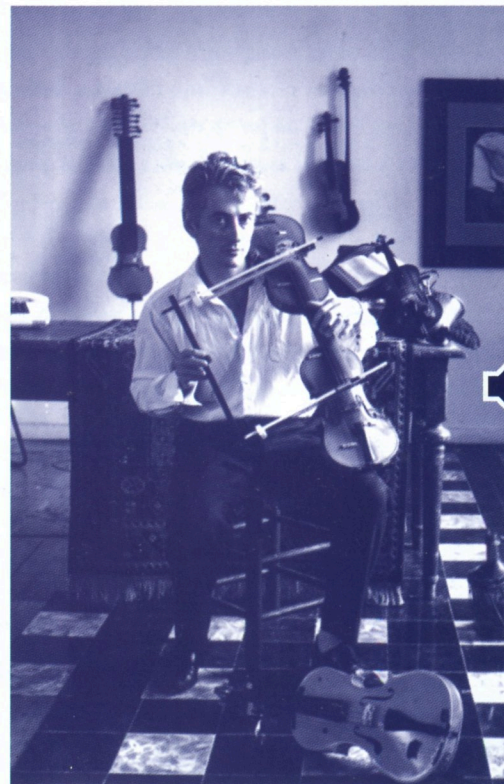
A sua primeira performance a solo, com o sugestivo nome de "We keep our victims ready", foi estreada em 1989, e foi vivamente repudiada pelos conservadores americanos. O trabalho, sobre a opressão de origem sexual, política ou económica, era demasiado incómodo para a direita norte-americana, que exerceu a sua influência para que a NEA recusasse um novo subsídio a Finley. Ainda assim, a peça foi nomeada para Melhor Peça do Ano, pelos Críticos de Teatro de São Diego e recebeu um Bessie Award para a Artista. A recusa da NEA em lhe garantir o subsídio, resultou num processo judicial que o Estado perdeu, vendo-se obrigado a entregar-lhe o subsídio anterior.

John Rose

Dia 9 - Rivoli - Teatro Municipal (Peq. Auditório) - 24h00

Quando pensamos num violinista, imaginamos um homem de casaca preta com abas de grilo a segurar o seu caro e antiquíssimo instrumento com desvelos de mãe. Assim não é Jon Rose, «globe-trotter» de ascendência inglesa nascido na Austrália e residente na Alemanha, depois de ter vivido largos anos na Holanda. O seu ar de cientista alucinado esclarece-nos logo que, com ele, a música é outra. E é-o deveras, nas múltiplas facetas que a sua obra e o seu percurso têm tido até hoje, da saga da família Rosenberg, toda ela constituída por violinistas no mínimo excêntricos, personagens que colocou em cena de CD para CD (comece-se por «Music For Restaurants»), à investigação da vida e das estranhas manias e perversidades de um compositor - Percy Grainger - que, antes de Cage, antes de Cowell, antes de Nancarrow, já tinha revolucionado o que havia a revolucionar na «nova música» («Perks»). Pelo meio ficou muita coisa: a implacável deturpação do techno («Techno Mit Storungen», «China Copy»), a insuspeitada musicalidade que retirou a vedações das imensas propriedades de gado australianas («Fences»), a satirização de grandes e, afinal, nada intocáveis figuras da história da música como Beethoven e Paganini («Die Beethoven Konversationen», p. ex.), toda uma série de concertos e discos dedicados à «era dos centros comerciais» (a palma vai para «Tatakiuri», com Otomo Yoshihide), a construção de aberrantes violinóides de múltiplas cordas e um número sem fim de actuações solitárias ou com músicos imprevisíveis nas quatro partes do mundo, sob o signo da improvisação total.

É este último caso que nos calha na sua vinda ao Porto e não só Jon Rose recusa a pose do funcionário sinfónico, como tem um pouco de «performer» e bastante de «clown», pondo a ridículo em cada momento o seu próprio virtuosismo. O também líder dos Slawterhaus vai ao ponto de apenas «tocar» arco, equipado com células fotoeléctricas de modo a reagir ao movimento. Agita-o no ar como a batuta de um frenético maestro ou esfrega-o num outro arco, provocando uma miríade de sons electrónicos que parecem vir de lado nenhum. Na verdade, vêm das muitas máquinas portáteis que instala numa mesa ao lado, sintetizadores, samplers, sequenciadores. A electrónica tem, de resto, uma grande importância no trabalho deste músico-actor que gosta de fazer rir.

Há quem não suporte a sua atitude sarcástica e de ironização do ritual a que damos o nome de concerto, mas ninguém se atreve a contestar que Rose consegue agarrar o seu público pelo pescoço logo aos primeiros minutos e mantê-lo em «suspense» até ao final. Um final, aliás, que é quase sempre paroxístico, com ele a arrastar o violino pelo chão em assomos hendrixianos

Adolfo Luxúria Canibal

Dia 9 - Rivoli - Café Concerto - 24h00

Numa página não oficial da Internet um admirador dos Mão Morta seleccionava aquelas que considera ser as influências literárias do grupo: Heiner Muller, Brecht, Lautreamont, Guy Debord. Quem conhece a banda de que Adolfo Luxúria Canibal é a primeira figura, não estranha que para a situar o autor da página não tenha procurado influências musicais mas literárias.

De facto, os espectáculos de Adolfo Luxúria Canibal nunca se confinaram ao mundo do rock e buscaram em outros universos de criação para inspiração - o penúltimo álbum, o sétimo, é justamente intitulado "Heiner Muller no hotel Heissischer Hof". Numa entrevista ao Expresso, de 7 de Junho de 1977, Adolfo confessa : "Antes de fazer música, no início, estive mais ligado à "performance" e ao teatro. Por isso é normal que haja uma relação e um tipo de estar na música que vá beber a essas influências, que são a base de onde germinei."

Um regresso à palavra é o que podemos esperar de um espectáculo de "spoken words" de Adolfo Luxúria Canibal. A palavra, que sempre esteve presente na música dos Mão Morta, em temas que muitas das vezes são mais declamados do que cantados. Daí que surja um convite do Faladura para Adolfo apresentar um espectáculo "spoken words". Mais um passo, natural, na carreira de uma das vozes mais influentes e mais radicais da cultura contemporânea portuguesa.

Rui Eduardo Paes

Dia 10 - Auditório Nacional Carlos Alberto – 18h00

Conferência

«A música e o prazer»

Não é verdade que só se ouça (ou faça, o que vai dar no mesmo) música por prazer. Aliás, durante o Séc. XX e mais agudamente ainda nestes seus derradeiros anos, as relações da música com o prazer têm sido bastante difíceis. Não foi na sequência de um esgotamento nervoso que Giacinto Scelsi descobriu, afinal, a «substância interna» do som, premindo vezes sem conta uma tecla de piano na clínica em que esteve internado, para desespero dos outros doentes, dos enfermeiros e da equipa médica? Há quem defenda mesmo que a arte só pode nascer do sofrimento, mas nem tanto ao mar, nem tanto à terra. O jornalista e crítico de música Rui Eduardo Paes, autor dos livros «Ruínas - a música de arte no final do século» e «A orelha perdida de Van Gogh - música e multimédia» (Hugin Editores), propõe-se reflectir alto sobre as razões que nos levam a gostar de ouvir (ou de tocar) música, designadamente aquela que nos põe os pêlos do corpo em pé.

Nicole Blackman

Dia 10 - ANCA - 21h30

"Já me chamaram poeta, uma artista de spoken word, uma performer... tudo se resume a contar histórias. Não me importa o que me chames, desde que consiga captar a tua atenção". As palavras, da nova-iorquina Nicole Blackman, explicam o fundamental desta mulher cuja voz ficou para sempre gravada na memória daqueles que ouviram o álbum "Dead Inside", dos Golden Palominos.

O seu trabalho deixa o público por vezes divertido, muitas vezes inquieto, com peças que são simultaneamente divertidas, irónicas e perturbadoras. Referindo-se aos textos que traz aos ouvidos da quem a ouve, Blackman diz, "Tudo é real, nem tudo é verdadeiro". Cada performance sua revela-se uma oportunidade a não perder de se deixar inquietar.

Nicole Blackman escreveu quatro livros de spoken word, é directora do Festival para os Novos Escritores de Nova Iorque, foi a vocalista do álbum dos Golden Palominos "Dead Inside" e a poeta escolhida para a linha telefónica Poemfone Line de Outubro de 94. Balckman foi também uma das artistas convidadas na MTV Spoken Word e na rádio SPIN e a sua poesia está disponível em vários cd's e livros, incluindo as colectâneas Voices from the Nuyorican Poets Cafe, Verses that Hurt: Pleasure and Pain from the Poemfone Poets, Excursus, New York Quartely e Cups. É ainda uma das artistas convidadas do documentário "Mulheres na Música", realizado pela CBS.

A nova-iorquina é considerada a estrela em ascensão na arte de fundir a spoken word com a música. Aclamada pela crítica americana foi referenciada na Village Voice como "Uma diva maior do rock - não tanto a consciência poética da geração X mas a sua cáustica vingadora".

Nuno Rebelo / Marco Franco / Kato Hideki

Dia 10 - Rivoli - Pequeno Auditório - 21h30

Nas margens do rock e sob o signo da improvisação, os portugueses Nuno Rebelo e Marco Franco encontram-se com o japonês Kato Hideki para a criação de uma música que tem como factor principal o «beat», embora, como seria de prever, não entendendo este de forma convencional. O antigo líder dos Mler Ife Dada tem tido um percurso assaz curioso, da pop sofisticada daquele grupo que marcou a década portuguesa de 80 à composição para dança - o seu mais aplaudido disco, «Azul Esmeralda», é a banda sonora para a coreografia com o mesmo nome de Paulo Ribeiro -, à música improvisada, investimento em que tem tido a companhia de Franco, mais conhecido como elemento integrante do colectivo de percussão Tim Tim Por Tim Tum, e à manipulação de fita, trocando a sua guitarra eléctrica pelo estúdio. Hideki, pelo seu lado, é um dos mais interessantes contrabaixistas surgidos na cena alternativa e um dos protagonistas do actual «boom» da música japonesa no Ocidente. O seu melhor pode ser encontrado em títulos como «Death Ambient», ao lado de Ikue Mori e Fred Frith.

Tal como nessa obra, espera-se uma actuação com particular ênfase nas ambiências estabelecidas, tendendo para o abstraccionismo sonoro apesar da grande acentuação dada ao plano rítmico. É, aliás, bastante curiosa esta associação com Kato Hideki, quando se sabe que Rebelo, enquanto guitarrista, é um herdeiro das técnicas extensivas e do tipo de abordagem de Fred Frith, com preparação do instrumento à maneira de Cage, introduzindo pequenos objectos entre as cordas, e sua utilização de modos heterodoxos, tocada na horizontal, por exemplo. Com esta formação, Hideki vai, com certeza, sentir-se «em casa». Os materiais com que se identifica não deixarão de lhe ser fornecidos pelo seus parceiros, designadamente a influência do free jazz e do rock hardcore pela parte de Marco Franco, e as vocações simultaneamente pop e experimental de Nuno Rebelo, duas fronteiras que delimitam tudo o que faz. Quem conhece melhor o trabalho conceptual e de montagem de Rebelo, designadamente o seu projecto dedicado à «guitarra portuguesa mutante» e as suas composições de cena (as de «M2», entre tantas outras já), ficará surpreendido com o imediatismo das suas estratégias ao vivo e o despojamento que a sua música adquire. Perde em composição, mas ganha em vigor e, sobretudo, em verdade, e é esta que mais interessa num concerto.

Acidentes Polipoéticos

Dia 11 - Rivoli - Pequeno Auditório - 19h00

Em Espanha, o duo Acidentes Polipoéticos é um dos veteranos na introdução da última vaga da poesia oral no país. Constituido pela dupla catalã Xavier Theros e Rafel Metlikovez, os Acidentes são considerados os principais responsáveis pelo crescimento do fenómeno de "spoken words" no país vizinho e uma presença obrigatória em qualquer festival que se pretenda inovador.

Fundado em 1989, o duo está intimamente relacionado com a vaga de mudança e criatividade que atravessou Barcelona, tornando-a aclamada como uma espécie de capital cultural, e de que o trabalho dos Furia dels Baus, que ainda recentemente actuaram no nosso país, são também um exemplo. A companhia teatral e os Acidentes Polipoéticos estão ligados à vivacidade levada à capital da Catalunha pela fundação da rede cultural de La Línea, em 1994, com o seu número de laboratórios de trabalho que têm recebido artistas de toda a Europa.

Num artigo do diário El País, que em 1997, se congratulava com a edição do primeiro livro de poemas dos Acidentes Polipoéticos, os seus textos são descritos como "reivindicativos e de grande força sonora" e os seus espectáculos enriquecidos por "uma envolvência cénica contemporânea (...) e uma aperfeiçoada técnica de recital a duas vozes". Qualidades que o público do Porto vai poder apreciar com o espectáculo marcado para o dia 11 de Julho, no teatro Rivoli.

Ocupados com chamamentos que vêm dos mais diversos pontos da Europa, os Acidentes Polipoéticos dividiram-se nos últimos tempos pela Semana de Poesia de Bacelona (em Maio), bem como o Festival Polyphonix, em Maio de 1997, e as Quartas Jornadas "Poesia i Mestissatge", em Abril de 1998, com um recital cujo título sugestivo era "Poesía para gente que no lee poesía". O próximo passo é o espectáculo do FalaDura, com um espectáculo onde a única coisa garantida é a qualidade e a surpresa.

COPO

Café Aviz - 22h00

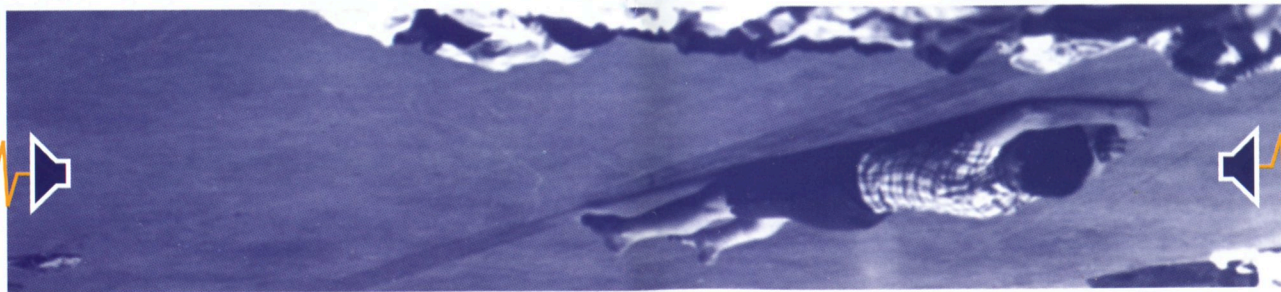
O COPO, um grupo a duas vozes, composto por Nuno Moura e Paulo Condessa, nasceu em Outubro do ano passado e tem como principais inspiradores os catalães Acidentes Polipoéticos.

Motivados pelo lema dos catalães - Poesia para quem não lê poesia -, o duo português tem andado por diferentes espaços nacionais a ler e dramatizar poesia, da sua própria autoria ou de outros. Cesariny, Beckett, Rilke ou O'Neill são alguns dos nomes do seu reportório.

O principal objectivo do COPO é divulgar a poesia, seja através das suas actuações ou seja através de livros publicados pela editora Mariposa Azual.

ICI MÊME

Dia 13 - Hard Club – 23h00

O colectivo Ici Même realiza não apenas espectáculos convencionais como acções multimédia e intervenções no espaço urbano, juntando numa mesma obra de arte «total» música concreta (Anne-Julie Rollet), violino (Mathieu Werchowsky), cinema (super 8 e 16 mm, com Xavier Quérel), dança-teatro (Judit Thiébaut e Corinne Pontier) e luz (Olivier Debrun). Cada um dos meios utilizados tem a mesma importância no conjunto, reagindo uns aos outros autonomamente. Com uma particularidade digna de registo: os sons, as luzes e os filmes são manipulados em directo. «Spectacles en Pièces», o trabalho que os Ici Même trazem ao Porto, foi criado segundo um sistema de «sequências-improvisações», umas fixas, outras dependendo do momento e do espaço, no caso o, privilegiado, do Hard Club. Como temática estão as nossas pequenas ou grandes obsessões e loucuras comuns.
Uma característica em particular distingue este grupo de Grenoble: é constituído por «squatters», em Portugal designados por «okupas», que transformaram uma velha fábrica abandonada num centro cultural e de espectáculos com o mesmo nome de uma antiga formação de Jim O'Rourke, Brise Glace. E o curioso é que, com uma ocupação ilegal, granjearam a simpatia da população, de algumas instituições privadas que os patrocinam e até das autoridades locais, pelo menos enquanto não são expulsos pela Polícia, a mando do proprietário da fábrica e do tribunal. Tais circunstâncias são já suficientemente elucidativas quanto ao que se poderá ver e ouvir por cá: nada de convencional ou «na moda», por certo. Com acentuação da importância do espaço, «Spectacles en Pièces» trabalha com base no desequilíbrio e na tensão, indo nesse aspecto ao encontro de alguma da dança contemporânea. A familiaridade termina aí. O público é sempre envolvido nos espectáculos dos Ici Même, até pelo facto de procurarem assuntos que se aproximem do quotidiano do homem e da mulher comuns, unindo assim motivações estéticas e preocupações políticas.
Este sentido libertário no modo de estar e criar reflecte-se, necessariamente, na parte musical. Sendo a música concreta, por natureza, uma música de fita e por fita, ou seja, previamente composta, o interesse deste agrupamento de formação variável (conforme os espectáculos e os locais em que são montados) pelo «aqui e agora» leva-os a que cada actuação seja diferente da anterior, mediante o diversificado tratamento da banda magnética. O lugar que é dado ao acaso e à improvisação ganha maior peso com a execução instrumental acrescentada, pelo que os Ici Même acabam por se movimentar nas mesmas áreas que a música experimental «tout court». Os nomes de Anne-Julie Rollet e Mathieu Werchowsky falam por si.

Nuyorican Poets Café

Dia 14 - Café Ceuta - 20h00

Os elementos do "Nuyorican Poets Café" que se deslocam ao Porto para integrar o FalaDura só podiam mesmo fazer a sua apresentação num velho espaço citadino como é o Café Ceuta.

Isto porque o Nuyorican Poets Café é o nome de uma sala, fundada em 1973, que se tornou famosa por abrir as suas portas às novas artes, não só dos Estados Unidos mas também da Europa e restantes continentes. Inicialmente, o Cafe ocupou a sala de estar do seu fundador, Miguel Algarin, até se alargar para o local onde está agora. É lá, em plena cidade de Nova Iorque, que se realizam alguns dos mais carismáticos consursos poéticos, que em inglês se designam por "poetry slams", onde o júri é o público, mediante o seguimento de algumas regras pré-definidas.

Local por excelência da poesia falada, da performance e da música, é pelo Nuyorican que passam os novos poetas urbanos que anseiam por um primeiro contacto com o público. Num artigo de Margaret Leaming, o Cafe é referenciado como "uma casa de adoração" onde "a linguagem é exaltada e as pessoas se sentem livres para expressar os seus sentimentos em verso".

No Café Ceuta vão estar alguns dos vencedores do "slam" nacional de 1998, um concurso onde foram defender as cores do Nuyorican. A equipa vencedora conseguiu trazer pela primeira vez em nove anos ao troféu nacional para o Nuyorican, com um texto sem contemplações de poesia e política. Pelo FalaDura vão assim passar Alix Olson e Kayo.

KAYO

Kraal "Kayo" Charles começou a escrever poesia com 13 anos de idade. A sua primeira actuação pública foi no Medgar Evers College, onde tirou em 1998 o curso de Business Administration. Desde aí nuna mais olhou para trás. Recebeu enormes aplausos em acontecimentos como o Betty Shabazz Memorials ou o Historical Black Colleges & Universities Exposition de 1998 , em Washington DC. Ele é o campeão do Grand Slam do Nuyorican Poets Café de 1998 . A sua dedicação às crianças fez com que arranjasse um trabalho no YMCA onde ele é coordenador de um programa de literacia em horas extra-curriculares.

ALIX OLSON

Alix Olson é uma dinâmica performer, membro desde 1998 da equipa Nacional do Campeonato de Poesia e a Campeã Nacional em 1999 da Outwrite Nacional Poetry Slam. Tem participado em numerosos acontecimentos de spoken word, com apresentações no Harlem Apollo Theatre, Symphony Space com Pete Seeger e Michael Moore, e o Festival de Artes Performativas HERE. Tem viajado pelos Estados Unidos, espalhando os seus poemas pelos teatros, clubes, universidades e acontecimentos como A conferência Nacional de Mulheres em 1999. Alix figurou também como Artista Cultural nos Jogos Homossexuais de 1998, em Amsterdão. Este ano está integrada na Fundação Nova Iorquina para as Artes e recebeu em 1998 o apoio da fundação Barbara Deming na categoria "Mulheres na Arte" e o prêmio "In our own Writte". A poesia de Alix está publicada na revista "The Lesbian Review of books", "Gathering of the Tribes" e duas antologias: ""Revolutionary Voices" e "Will Work for Peace: Nem Political Poems".

Jean-Marc Montera/Michel Doneda/Gunter Muller

Dia 14 - Auditório Nacional Carlos Alberto – 22h00

O que acontece quando um guitarrista de rock conhece Derek Bailey e Keith Rowe? Aquilo, precisamente, que se verificou com Jean-Marc Montera, músico de Marselha que já foi o braço direito de Fred Frith em diversos projectos, como o muito aplaudido «Helter Skelter», e é como que o seu irmão francês, como ele utilizando técnicas extensivas na manipulação da guitarra. E o que acontece quando se procura seguir pelo caminho aberto por Evan Parker, o maior representante europeu do saxofone soprano «free»? Surge um soprador possante e de qualidades acima do vulgar como Michel Doneda, gaulês também, e radical nas suas deambulações pela música improvisada (senão, oiçam-se «Instant Songs» e o solo «L'élémentaire sonore»). Gunter Muller, vindo do cantão germânico da Suíça (na verdade, alemão por nascimento), é o «elemento estranho» desta junção de esforços. Se Montera e Doneda muitas vezes se cruzaram, este baterista que confessa sê-lo cada vez menos, tal a atenção que concentra na parte electrónica da sua panóplia de «instrumentos», não só não toca habitualmente com eles como desenvolve a sua actividade numa área mais conotável com a electroacústica em tempo real do que com a improvisação entendida como uma tipologia musical distinta. O recente «Filament 2», com Sachiko M e Otomo Yoshihide, é um bom exemplo da sua orientação. Dado o interesse do «seis-cordas» pelo «noise» e pela electricidade, é de esperar, no entanto, uma boa empatia entre Muller e Montera. Como se não bastasse, ambos valorizam prioritariamente o trabalho sobre as texturas e a criação de atmosferas. Num contexto como este, é natural que Michel Doneda fique com o papel do solista, mas não esperemos que o cumpra como manda o figurino.
Jean-Marc Montera usa habitualmente duas guitarras. Uma a tiracolo, para execuções «mais guitarrísticas», digamos, e a outra colocada na horizontal, na qual aplica os objectos mais diversificados, o «e-bow» ou um pequeno transístor. A sua música caracteriza-se pela meticulosidade e a obsessão com que trata os materiais, construindo intrincadas e complexas teias de sons. Michel Doneda desenvolveu, como Parker, a sua própria técnica de respiração contínua, superando as condicionantes de pontuação a que a maior parte dos saxofonistas tem de se cingir. O seu estilo é particularmente agreste, e no entanto, apesar das imensas doses de energia que liberta, é capaz de uma fina subtileza. Gunter Muller faz um aproveitamento maximalista de um «kit» elementar de bateria a que acrescenta peças de metal e pequenos processadores, com destaque para o «delay», que explora exaustivamente. Como baquetas, utiliza frequentes vezes dois microfones de contacto, tratando com oportunidade e gosto, e quase sempre para além do exclusivo âmbito rítmico, os sons obtidos. Tudo isto explicado, espere-se, pois, o tudo ou nada. Uma actuação vigorosa, senão mesmo violenta, ou, no extremo oposto, articulada a um nível de contenção sonora em que o próprio silêncio passa a ter uma função primordial. Com Otomo, com Jim O'Rourke, com Richard Teitelbaum e com Hans Burgener, Muller tem buscado essa espécie de fundamentalismo sonoro. Mas não por ele mesmo: o que nos mostra é que, nas fronteiras do audível (do musical), continua a haver lugar para a elaboração de tramas musicais - o desejo de qualquer compositor que quer ampliar o seu território, afinal. Montera e Doneda, aliás, são mestres em construir enredos, filmes auditivos que, mesmo sem qualquer tipo de linearidade, parecem contar uma história.

The Poets from Epibren

Dia 15 - ANCA - 21h30

O grupo holandês “De Ditchers van Epibreren” (The Poets from Epibreren) são conhecidos nos meios musicais há cinco anos. Neste momento, o grupo é composto por Bart FM Droog, Tijitse Hofmann e Jan Klug.

As performances dos The Poets from Epibreren podem ser descritas como "stand-up poetry". Embora publiquem livros e newsletters, o grupo prefere interpretar a sua poesia ao vivo, uma vez que desta forma sentem que os poemas ganham uma noca dimensão. Ao trazer os poemas que escrevem para o campo da performance, conseguem alcançar um público mais vasto e variado, chegando a pessoas que não têm o hábito de ler. Ao mesmo tempo, têm um maior controle sobre o poema: determinam o tom, o ritmo e a riso, através de apresentações que não passam pela leitura do texto, mas pelo "atirar" do poema para o público de uma forma dramática e enérgica.

Os The Poets from Epibreren transformaram a poesia numa encenação. Não só pela forma como ela é fisicamente apresentada, mas também pela energia que a improvisão musical do multi-instrumentista Jan acrescenta aos seus trabalhos. Ele usa de tudo, desde a instrumentos tradicionais, a outros feitos por si próprio, as mãos, a voz e tudo o que acha apropriado para dar às palavras um suporte à altura.

Quando representam fora do seu país, levam geralmente cerca de 50 por cento dos textos em holandês. Uma decisão que deriva do facto das pessoas serem geralmente muito receptivas a ouvir uma língua estrangeira, um poema de que não conhecem as palavras mas apenas o sentimento que expressam, atarvés do ritmo, cadência e efeitos sonoros. Todos estes trabalhos apresentados na sua língua de origem são precedidos por uma pequena explicação em inglês.

Tudo boas razões para os Poets from Epibreren se terem tornado um sucesso na Holanda e internacionalmente, motivado, porvavelmente, pelo carácter absolutamente único das suas performances. Praticamente desconhecidos no nosso país, esta trupe de poetas vem dar-se a conhecer através do FalaDura.

José Ernesto Rodrigues/Jorge Valente

Dia 15 - Rivoli - Café-Concerto - 24h00

A abordagem da electroacústica pelo duo formado por José Ernesto Rodrigues e Jorge Valente tem uma clara feição orquestral, devido às massas sonoras que episodicamente são chamadas a agir, mas a tradição que estes improvisadores seguem está longe de ser a «clássica». Como John Cage, são fiéis ao princípio de que todo e qualquer som é passível de aproveitamento na criação de música. Graças à «extensão» do violino operada pela electrónica e às polifonias congeminadas pelo Quatur, um programa interactivo com base Max que é alimentado por um sintetizador Yamaha DX7 II, cada actuação destes dois músicos ganha uma envolvência inusitada. Nada os parece limitar na sua incursão pelo mundo dos sons, infiltrando estéticas e tipologias musicais que pouquíssimo ou nada terão a ver entre si para obter dividendos estranhos a esses domínios. É o caso do serialismo e do free jazz, na sequência dos quais se situam, cruzando elementos em que dificilmente se adivinharia alguma familiaridade.

Acontece que o violinista e o teclista não pensam a música em termos de produto acabado, composição ou obra. Para eles, o acto musical é mais importante do que aquilo que dele resulta. Não lhes interessa mesclar os sons que cada um produz numa amálgama indescernível que nela tem o seu fim. Mais cativante é buscar as suas respectivas individualidades e captar-lhes a voz interior, para a partir delas tentar uma mútua estimulação, um diálogo, ou melhor ainda, uma «dinâmica criativa dialéctica», como gostam de dizer. É esta, aliás, a senda da improvisação, dada a forma como se entende o «outro», seja o público ou o(s) músico(s) com quem se toca. Silêncios, desafios e reacções não necessariamente previsíveis (quanto menos, melhor!), contrastes e complementaridades, ostinatos, glissandos, estruturas em embrião, pedaços de frases que nunca chegam a formar-se, «self-intonations», catadupas de notas, «drones», ruídos só aparentemente a-musicais (Cage, sempre Cage), microtonalidades, paisagens audio, falsos solos, inflexões de discurso, rupturas da linearidade assim que esta se torna uma ameaça, simples murmúrios ou convulsões, tudo isto se torna no material de trabalho de uma música a dois, livremente partilhada e dirigida para a «exploração sistemática do instante», erigindo o tempo real como substracto e causa.

Não estranha, também, que os percursos de José Ernesto Rodrigues e Jorge Valente passem pela música popular, quando não mesmo a tradicional. Rodrigues acompanhou Fausto e integra a formação de Jorge Palma; Valente é um estudioso da música dos países africanos de expressão portuguesa, que chegou a produzir e editar em disco. Não obstante abraçarem uma prática musical minoritária, interessam-se pelo património que nos é comum e admitem-no nas suas improvisações, mesmo que possam não o fazer em consciência. O estilo violinístico de José Ernesto testemunha-o, com a sua dimensão folk e uma crueza que é distintiva do violino popular em qualquer parte do Mundo. Quanto a Jorge Valente... não será verdade que, hoje, o computador é o instrumento pop por excelência?

Michael Gira

Dia 16 – ANCA – 21h30

Seguindo o mesmo percurso de outros ex-líderes de bandas marcantes da cena musical nova-iorquina, Michael Gira, que durante 15 anos foi a imagem brilhante e enigmática dos Swans, tem vindo a desenvolver uma carreira paralela na área da spoken word.

Falar de Gira é inevitavelmente falar dos Swans essa banda que durante a sua existência deu à cena musical aquilo que foi rotulado como o "noise" de Nova Iorque – emparceirando no género com bandas como os Sonic Youth, mas sempre recusando o êxito comercial. De qualquer forma Gira nunca gostou do rótulo: "Não gosto da palavra 'noise', faz-me lembrar alguém a arranhar os seus dedos através de um quadro preto, e nós sempre fomos muito mais alguém que bate na tua cara com um martelo." Do que ele não se livra é de ter sido o maior estandarte musical de um mundo negro de uma voracidade feroz, pioneiro de bandas famosas durante este final da década, caso dos Nine Inch Nails de Trent Raznor ou dos Marilyn Manson.

Depois da separação do grupo Michael Gira dividiu a sua actividade entre a música e a poesia. Um dos seus projectos foi "The Body Lovers" uma banda sonora para um filme inexistente que, como já acontecia com os Swans, percorre um universo ao mesmo tempo sensual e brutal. Trabalhou com uma nova banda, os "The Angels of Light", com a qual andou recentemente em digressão pela Europa e não parou de fazer espectáculos de spoken word, realizando verdadeiras digressões.

Com performances de textos e histórias escritas por si, muitas das quais, inseridas no seu livro, "The Consumer", publicado pela editora de Henry Rollins, Gira não perdeu a capacidade de agarrar intensamente o público, como no tempo dos míticos Swans. Um novo livro deverá ser lançado ainda este ano.

Albrecht Loops/John Marc Gowans

Dia 16 - Rivoli Café Concerto – 24h00

Albrecht Loops e John Marc Gowans, o primeiro português, o segundo britânico, têm um posicionamento muito semelhante na música. São ambos compositores de cena, um vocacionado para o teatro independente e experimental, o outro para a dança; construtores de instrumentos, sejam a guitarra e o violino nada convencionais ao nível da sonoridade de Loops, como os «gadgets» interactivos de Gowans; e têm tanto um como o outro um razoável interesse pela improvisação, embora não se considerem propriamente improvisadores, ou seja, praticantes de «música improvisada». Tais coincidências permitem múltiplas vias a seguir num concerto a dois, dependendo do impulso da descoberta e da curiosidade. Há um ponto, no entanto, que os distingue: o autor das bandas sonoras de espectáculos vistos no Porto, em Lisboa ou em Coimbra como «Os Olhos» de Moebius e Jodorowsky e «As Criadas» de Genet na perspectiva de Paulo Lisboa, «Jogo de Massacre» de Ionesco por Dato de Weerd, «Vermelhos, Negros e Ignorantes» de Bond com encenação de Paulo Castro ou «A Metamorfose» de Kafka por José Wallenstein tem um gosto pelo inacabado, o assimétrico e o imperfeito que explica a sua paixão pelo imediatismo e a efemeridade do tempo real - não por acaso um dos seus principais projectos intitula-se Art Ephémera -, em que nada pode ser alterado depois de feito, e a construção de variantes «caseiras» (ou «alternativas», como lhes chama) de cordofones de fabrico industrial que atingiram já o máximo de sofisticação técnica. Alberto Lopes, de seu verdadeiro nome, é um «luthier» algo perverso, na boa tradição de Harry Partch. Já a atracção de John-Marc Gowans pelas novas tecnologias o coloca num domínio diferente, o da aprimoração dos meios e, consequentemente, dos resultados. Compositor de coreógrafos como Siobhan Davies, Ashley Page (Royal Ballet), Michael Clark e Richard Alston, o que explica a sua preocupação pelo rigor, está a desenvolver um sistema que permite a tradução do movimento em informação musical, assim facilitando a relação entre dançarino e música.

Os dois músicos têm actividades laterais especialmente elucidativas quanto aos rumos que tomaram. Albrecht Loops tem realizado um trabalho de sonoplastia e desenho de som que se tornou notado desde os seus anos de teatro universitário e John-Marc Gowans dedica-se ainda ao aperfeiçoamento de media visuais para a dança, além de ter sido director musical das DanceHouse Series da BBC e de ter composto as «soundtracks» de coreografias especialmente concebidas para a televisão. Estão, pois, longe de entenderem as suas funções de modo parcial, aspirando à globalidade. Provavelmente, a forma concerto não lhes fará total justiça, circunscrevendo-os a uma parte apenas do que habitualmente fazem, a execução instrumental, mas é inevitável que o mundo das artes performativas transpareça no que irão tocar. Mais estará em causa, até, a identidade também ela performante da improvisação musical, sem subterfúgios como a participação de um bailarino ou de um actor, desnecessários e talvez redundantes neste contexto. Nesse aspecto, vêm demonstrar-nos que a composição imediata vive tanto do palco como o teatro e a dança. Haverá ilações, pois, a tirar do que acontecer neste encontro de «gémeos diferentes».

Carlos Zíngaro/Hans Reichel

Dia 17 - Auditório Nacional Carlos Alberto – 21h30

São ambos identificados (na Internet, por exemplo) como «livre-improvisadores europeus» («european free improvisors»), mas a verdade é que, à parte as metodologias improvisacionais, nada Carlos Zíngaro e Hans Reichel parecem ter de comum. O músico alemão é um autodidacta, tendo começado ainda criança precisamente pelo mesmo instrumento em que Zíngaro se notabilizou, o violino, só escolhendo a guitarra mais tarde, por influência dos grupos e estrelas rock que ouvia - Beatles, Rolling Stones, Frank Zappa, Jimi Hendrix, Cream. O português tem formação clássica e de Conservatório, só tendo rompido com a obtusamente chamada «música séria» já chegada a idade da razão. Mais do que meras circunstâncias de percurso, as acima descritas determinaram-lhes a maneira de entender a música. Reichel é um experimentador de sons, de formas e de situações, o que o levou inclusive a desenvolver um «design» de guitarras alternativo e a inventar novos instrumentos, como o seu já célebre daxofone. O violinista mantém um permanente conflito com as várias tipologias da música - a começar pela erudita, com a qual só muito recentemente fez as pazes, e passando pelo jazz -, nelas entrando para logo sair em permanente inquietude e insatisfação. Há um aspecto em particular que os põe a falar a mesma linguagem: o que Hans Reichel procura nos seus estranhos cordofones, na guitarra eléctrica de duplo braço em que parte das cordas funcionam exclusivamente por simpatia e percutidas ou «tocadas» nas esculturas de madeira com arco a que chama de daxofones não é muito diferente daquilo que Zíngaro pretende obter com a acoplagem de sintetizadores, samplers e efeitos electrónicos ao violino, via Pitch to MIDI: uma maior amplitude de cores e possibilidades técnicas, para uma música inconformista e viva, sempre em mutação. E há o que os separa, mas precisamente por os separar nos garante que um duo entre eles não tem o perigo da redundância: o guitarrista é um velho militante da efemeridade do acto de improvisar e Carlos Zíngaro até quando improvisa é um compositor, definindo parâmetros, estruturas, atmosferas. Tanto melhor se Reichel tem como particularidade uma elegância que se julgaria estudada. A beleza é só um momento, ensina o taoísmo, e neste aspecto aplica-se ao autor de «The Dawn of Dachsmann» e «Shanghaied on Tor Road», duas improvisações cristalizadas em disco (contradição? Que seja, se assim o obriga o registo documental da música improvisada), a mesma designação que já deram ao protagonista de «Solo au Monastère des Jerónimos»: a de «anarquista Zen». A liberdade equacionam-na ambos sem fugazes acessos de paixão, mas assumidamente e com frontalidade.

São músicos com causa, estes. Como tal, cada concerto que fazem é uma batalha contra a indiferença e a mediocridade. Com a dificuldade adicional de não escolherem o caminho mais fácil, a espectacularidade designadamente. Se os instrumentos de Hans Reichel são bizarros, e surpreendentes as coisas que consegue com eles, nada têm de demonstrativo as suas actuações. E se a paleta de sons de Zíngaro é luxuriante, não serve para encher o ouvido, distraindo-o de feitos mais importantes. Com as suas respectivas atitudes, estes dois «resistentes» (andam nisto desde os anos 70) distanciam-se do entretenimento para voltarem a dar à música o carácter ritualístico que teve noutros tempos, enraizando de novo na vida espiritual dos homens aquilo que se tornara em simples comércio. Basta verificar a sua atitude em palco para o confirmar, aliás...

Last Poets

Dia 17 - Hard Club - 24h00

Os The Last Poets formaram-se a partir do Colectivo Watts, após as Watts Riots de 1967. Embora possa parecer que os Poets emergiram da cena musical do jazz, eles foram certamente influenciados pelo "beat". O grupo é considerado como uma espécie de pai do "rap", pois é no seu trabalho que se encontram as raízes deste género musical enquanto veículo das vozes revolucionárias.

A história dos Poets inicia-se em Maio de 1968, no Parque de Mount Morris em Harlem, Nova Iorque. Foi para aí que convergiu um grupo de jovens poetas negros, com a intenção de comemorar o aniversário de Malcom X. David Nelson, Gylain Kain e Abiodun Oyewole viriam a tornar-se The Last Poets e logo na sua primeira performance, descobriram-se as vozes de uma juventude impetuosa e idealista, ao iniciar o concerto com uma canção que tinha sido usada por estudantes que protestavam na Universidade de Harvard durante a tomada do campo, duas semanas antes: "Estão prontos, negros? Têm de estar prontos".

Aquando da edição do primeiro álbum, em 1970, o grupo já tinha sofrido alterações. Abiodun trouxe dois escritores para substituir Kain e Nelson, Jajaludin Nuriddin e o jovem Umar Bin Hassan. O grupo tornou-se uma influência essencial para as gerações que se seguiram, o que é bem visível no trabalho de grupos como os The Public Enemy, do poeta/ crítico de jazz/ historiador de blues Ami Baraka, e de cineastas como Spike Lee e John Singleton.

Organização:

Co-lab: Alberto Lopes/Lucinda Gomes
FalaDura: Carla Miranda/David Pontes

Grafismo:
Pip@

Assessoria de Imprensa:
Patrícia Campos

Assistência de Produção:
Joana Esteves/Alexandra Lobato

Assistência Técnica:
Serafim Ribeiro

Textos (Co-Lab):
Rui Eduardo Paes
Textos (FalaDura):
Patrícia Carvalho / David Pontes
Fotografo:
Limamil

Agradecimentos:

Nuno Cardoso
Rui Gonçalves
Maria do Céu Soares
Paula Magalhães
Sérgio Julião,
Carlos A.Tavares
António Costa
Paulo Pimenta
Carlos Bartiloti
Sérgio Julião
José Miguel Pinto
Luís Paiva
AnaCristina Vicente
Lopes dos Santos
Dr. Carneiro Pinto
Maria João Santos
Filipa Correia
Paulo Eduardo de Carvalho
Dr. Eduardo Lucena